

Como Explorar a Violência dos Insurgentes no Afeganistão

Tenente-Coronel Thomas Brouns, Exército dos EUA



AFP, Massoud Hossaini, Hamed Zalmay

Soldados americanos e policiais afegãos no local onde ocorreu um ataque suicida em Cabul, em 15 de março de 2009.

MAIS DE SETE anos depois que o controle do Afeganistão foi retirado do Talibã, a vitória continua sendo difícil de alcançar. O Talibã, a Al-Qaeda e várias figuras detestáveis foram forçados à clandestinidade, as eleições foram realizadas com sucesso — uma conquista que deve se repetir em breve — e há um governo afegão nominalmente funcional. Taticamente, os insurgentes não representam uma grande ameaça à Força Internacional de Assistência à Segurança (*International Security*

Assistance Force — Isaf), às forças de coalizão (além da Isaf) ou ao Exército Nacional Afegão. A economia e a infraestrutura afegãs fizeram um enorme progresso depois de três décadas de guerra quase contínua.

Apesar dos sucessos táticos e locais, paira no ar a possibilidade de uma derrota estratégica. As baixas entre civis e militares continuam aumentando constantemente. A força combinada das tropas da Isaf e da coalizão mais que quintuplicou desde 2002, mas a

O tenente-coronel Thomas Brouns, do Exército dos Estados Unidos, é oficial de comunicações estratégicas baseado na sede do Comando das Forças Conjuntas da Otan em Brunssum, Holanda. Serviu quatro vezes em Cabul, no Afeganistão, como

membro do Comando de Forças Combinadas no Afeganistão ou do Comando da Força Internacional de Assistência de Segurança. É formado pela University of California, Davis e tem mestrado pela Troy University.

frustração afegã com a situação da segurança continua crescendo. A confiança e a crença dos afegãos comuns que sua situação imediata e a do Afeganistão em geral vão melhorar continuam baixas, desde sua brusca queda em 2006 e 2007. Conforme as preocupações com a segurança persistem, o fracasso, real ou imaginário, de vários investimentos e projetos em alcançar áreas rurais remotas onde predomina a pobreza cria um solo fértil para o recrutamento de insurgentes. Depois de sete anos de promessas, o tempo está acabando. Os afegãos perderam a paciência com a retórica. Precisam ver as promessas de maior segurança e de melhorias palpáveis na sua situação pessoal se concretizarem — e isso o mais rápido possível, se esperamos oferecer uma estabilidade duradoura ao Afeganistão.

Dentro dos círculos da Otan e das Forças Armadas, fala-se muito sobre a necessidade de vender melhor a ideia de que estamos tendo sucesso no Afeganistão. Milhões estão sendo gastos para divulgar o sucesso, superar a preferência da mídia por notícias ruins e concorrer com um inimigo ágil em um cenário extremamente complexo e com uma mídia geralmente desfavorável. Entre os militares, os esforços para ganhar o controle sobre o discurso sobre o Afeganistão foram denominados “comunicações estratégicas”. Vários comandos estão tendo problemas com esse conceito, que se trata de uma tentativa de conseguir mais eficácia e uniformidade nas comunicações públicas, mas a questão é saber se é realmente necessário ter “comunicações estratégicas” ou ter uma melhor *estratégia* de comunicações.

Devemos lembrar que transmitir informações sobre o Afeganistão é uma tarefa extremamente complexa. É tentador pensar que fornecer “reportagens sobre boas notícias” para a mídia, acompanhadas de fatos e estatísticas e um discurso coerente sobre por que estamos no Afeganistão, solucionará o problema. Entretanto, o número de partes interessadas e o número de públicos engajados simultaneamente podem ser intimidantes. Em um mundo ideal, todas as partes interessadas, desde as Nações Unidas até os patriarcas de uma aldeia em algum lugar do Afeganistão, transmitiriam mensagens

idênticas que seriam reproduzidas pela mídia. Infelizmente, objetivos distintos e muitas vezes conflitantes, visões variadas sobre a situação atual e, o que é mais importante, públicos extremamente diferentes com necessidades e interesses diversos sugerem que o melhor que podemos esperar ter é algum tipo de comunicação *coordenada*. A Otan e a Isaf têm um papel significativo a desempenhar para se conseguir essa coordenação.

Apesar do foco renovado no Afeganistão — que ficou durante muito tempo em segundo plano, quando nossa atenção estava voltada para o Iraque — não tivemos muito progresso em alterar as percepções, seja no Afeganistão seja internacionalmente. Mudar essa situação é decisivo para o futuro do Afeganistão. As percepções mais importantes estão em duas frentes: o povo do Afeganistão deve apoiar seu governo atual e rejeitar o que os insurgentes oferecem, e os povos dos países que contribuem com tropas e recursos para a Isaf devem apoiar os esforços dos seus governos no Afeganistão. A Otan e a Isaf devem se comunicar com todos os seus públicos para competir com a estratégia de comunicação agressiva dos insurgentes. Mesmo que a nossa estratégia de comunicação seja bem-sucedida, as ações no Afeganistão acabarão exercendo uma influência maior sobre as percepções de todos os públicos do que qualquer comunicado de imprensa.

Tentar controlar o “espaço de informações” é, de várias formas, como tentar controlar as gotas do mercúrio derramado de um termômetro quebrado. Os jornalistas que sabem que seus editores ficarão mais interessados na última chamada de celular de um autodenominado

Os fatos no local não estão atualmente trabalhando a nosso favor.

“porta-voz do Talibã” geralmente ignoram comunicados de imprensa cuidadosamente elaborados e pesquisados, cheios de fatos e estatísticas. As más notícias tendem a ter prioridade — há muitas más notícias a serem

publicadas — e as boas notícias geralmente não são divulgadas. No fim das contas, porém, as comunicações estratégicas não podem substituir os fatos no local. Conforme o ministro da Defesa, Robert Gates, afirmou, “A solução... não está em uma campanha de Relações Públicas astuta nem em tentar superar a propaganda da Al-Qaeda, mas sim no acúmulo contínuo de ações e resultados que gerem confiança e credibilidade ao longo do tempo”.¹

O Futuro nas Mãos Afegãs

Os fatos na região não estão atualmente trabalhando a nosso favor. A “estação de combate” do verão passado culminou em 268 mortes da coalizão e ultrapassou, pela primeira vez, o número de mortos no Iraque durante vários meses.² Tentativas de justificar o aumento constante das baixas entre civis e militares — argumentando que são resultado da nossa maior presença em áreas anteriormente negligenciadas — não convencem os nossos públicos. O inverno permitiu que os insurgentes se reorganizassem, recrutassem membros e reagissem e, por isso, é pouco provável que mesmo o desdobramento de 10, 15 ou 20 mil soldados adicionais vá alterar significativamente a situação para melhor sem que se faça uma grande mudança na estratégia. Desde os primeiros dias da Operação *Enduring Freedom*, quando havia 9.200 soldados no Afeganistão, os incidentes violentos aumentaram proporcionalmente ao efetivo. Na verdade, considerando-se o uso crescente de métodos assimétricos pelos insurgentes, a incidência de eventos e as baixas a eles relacionadas (incluindo civis) aumentaram com mais rapidez que o efetivo. Apesar de o acréscimo de 20 mil soldados parecer ser um importante passo em frente, os últimos sete anos indicam que a situação de segurança vai piorar antes de melhorar. A ideia de que haverá um “ponto da virada” em que o aumento das tropas fará com que a violência comece a diminuir é discutível. Se essa virada acontecer, poderá exigir cerca de 150 mil soldados adicionais. Esse é um investimento que nem os Estados Unidos nem os parceiros da Otan provavelmente farão.

Podemos compensar a insuficiência, em parte, continuando a treinar e equipar as forças afegãs nativas, incluindo o Exército, Polícia, forças de segurança de fronteira e outros componentes das Forças de Segurança Nacional afegãs. Com exceção do Exército, o progresso tem sido frustrante e dolorosamente lento. O número total de policiais nacionais afegãos atualmente, para um país com quase 30 milhões de habitantes, é apenas o dobro do número de policiais na Cidade de Nova York.³ Apesar de ter enfrentado o pior da violência dos insurgentes, a polícia afegã continua sofrendo acusações de corrupção, sectarismo tribal e falta de equipamentos e de treinamento. O Exército Nacional Afegão tem um efetivo de cerca de 70.000 membros e pretende chegar a 134.000 nos próximos três anos, em meio a questões de sustentabilidade financeira. Mesmo que a comunidade internacional crie um esquema viável para financiar o Exército Nacional Afegão enquanto a economia afegã continua a desenvolver-se, talvez não possamos esperar o tempo necessário para capacitá-lo a defender o Afeganistão por conta própria.

O déficit das forças de segurança levou a pedidos para armar as milícias tribais — uma espécie de programa de “vizinhança atenta” com armas. Uma iniciativa semelhante contribuiu bastante para reduzir o nível de violência no Iraque. Entretanto, existem diferenças importantes entre o Iraque e o Afeganistão. Em vez de ter apenas duas facções principais — sunitas e xiitas — o Afeganistão possui centenas de tribos e clãs que podem ser convencidos a trabalhar juntos para vencer uma ameaça comum, como um invasor estrangeiro. Contudo, na falta de uma ameaça comum, acabam trabalhando para os interesses das suas próprias tribos ou para um líder que uma temporariamente algumas tribos para solucionar um problema comum. Se capacitarmos as tribos do Afeganistão a fornecer sua própria segurança, teremos desperdiçado anos de trabalho desarmando as milícias para dar um monopólio sobre a força militar ao governo nacional (que é quem deve tê-lo). Para um exemplo do que pode acontecer quando as tribos do Afeganistão assumirem o controle da segurança, devemos nos lembrar da violência no Afeganistão depois que os



Iain Cochran

Apesar de queixas de corrupção, muitos policiais afegãos dedicados arriscam a vida todos os dias. A Polícia Nacional Afegã é a que mais sofre com a insurgência, registrando o triplo do número de baixas em comparação com o Exército Nacional Afegão.

soviéticos saíram do país e das lutas sangrentas pelo poder que persistiram até que o Talibã conseguisse impor seu próprio tipo peculiar de segurança.

Armar “afegãos comuns” e pedir que forneçam sua própria segurança criará mais problemas do que soluções, mas é exatamente nesses “afegãos comuns” que devemos nos concentrar. Os afegãos comuns precisam aceitar a forma atual de governo e rejeitar o que os insurgentes oferecem. Entretanto, a atual situação imprevisível de segurança não contribui absolutamente para dar a esses afegãos qualquer garantia quanto ao seu futuro. É necessário ter um nível mínimo de segurança para ganhar tempo e alcançar a infraestrutura e o desenvolvimento econômico necessários para estabilizar o país e fornecer um padrão de vida básico. Esse padrão de vida básico secará a base de recrutamento dos insurgentes porque uma população que não tem nada a perder é fácil de recrutar como homens-

bomba contra “invasores estrangeiros”. Um número relativamente pequeno de insurgentes de áreas economicamente deprimidas é capaz de usar propaganda e ataques espetaculares para exagerar a dimensão da sua força. Como resultado, mesmo em áreas onde existe uma relativa prosperidade, os insurgentes podem facilmente tirar proveito de um vácuo de segurança mesmo quando a maioria é contra a insurgência. Devemos melhorar a segurança e os padrões de vida básicos simultaneamente se queremos convencer os afegãos comuns que seu governo está vencendo a luta contra os insurgentes.

A história do Afeganistão nas últimas três décadas faz com que os afegãos sejam especialmente relutantes em escolher lados. Embora prefiram, secretamente, o seu governo atual a qualquer coisa que os insurgentes possam lhes oferecer, os afegãos hesitam em afirmar isso abertamente porque dizê-lo os tornaria extremamente vulneráveis. Ao longo da sua história, os afegãos sofreram, repetidas vezes, humilhações de forças externas hostis, rivalidades internas, guerras e mudanças de governo inesperadas. Como o controle das suas aldeias mudou de mãos diversas vezes sem aviso, e continua a mudar, o afegão típico não se comprometerá até que o futuro esteja claro. A observação de Sir Robert Thompson sobre a Malásia aplica-se nesse caso: “O que o camponês quer saber é: o governo pretende vencer a guerra? Porque, caso contrário, ele

A história do Afeganistão nas últimas três décadas faz com que os afegãos sejam especialmente relutantes em escolher lados.

terá de apoiar os insurgentes”.⁴

É fundamental que desafie os afegãos a assumirem uma postura pública — e irrevogável — a favor do governo. Entretanto, isso implica uma grande responsabilidade. Se convencer os afegãos a assumirem essa postura, seremos



Iain Cochrane

Os recrutas do Exército Nacional Afegão têm origens diversas e se alistam por motivos variados. (Fevereiro de 2007)

obrigados a apoiá-los quando os insurgentes os desafiarem — o que estes certamente farão. Existem forças de segurança suficientes no Afeganistão para fazer isso localmente e em incidentes isolados, mas isso raramente acontece. De vez em quando, algumas tribos e comunidades afegãs declaram publicamente seu apoio ao governo. É um imperativo moral e absolutamente essencial que as apoiemos quando os insurgentes as desafiarem quanto a essas declarações públicas. As comunidades adjacentes monitoram cuidadosamente a situação para ver o que acontece. Se gostarem do que estão vendo, será mais provável que se comportem de forma semelhante — as notícias voam no Afeganistão apesar da relativa austeridade dos meios de comunicação de massa tradicionais. Essa tendência precisa ser alimentada e desenvolvida até que alcance massa crítica — uma revolta das bases, pró-governo, que os insurgentes serão incapazes de deter.

Corações e Mentes: Oportunidades Desiguais?

Para um afegão comum, o maior obstáculo para assumir essa postura é o uso eficaz da propaganda pelos insurgentes — e principalmente o uso da violência como forma de

propaganda. Os insurgentes entendem nitidamente a importância do ambiente de informações e reconhecem o valor da propaganda para alcançarem seus objetivos. De certo modo, o ambiente da mídia oferece oportunidades desiguais, que favorecem os insurgentes — e eles utilizam isso incansavelmente a seu favor. Eles compartilham de vínculos religiosos, tribais e étnicos; de um idioma; e de um entendimento muito mais profundo e rico da cultura afegã e das necessidades e vulnerabilidades dos afegãos. Raramente se prendem à necessidade de

saber a verdade ou de verificar fatos, o que lhes permite reagir muito mais rapidamente aos eventos — principalmente quando foram eles que planejaram esses eventos para apoiar a sua causa. Além disso, o desejo das empresas de mídia de obter lucros favorece as reportagens sensacionalistas publicadas pela propaganda dos insurgentes.

Entretanto, de certas maneiras, o governo afegão, a Otan e a Isaf são os piores inimigos deles mesmos. Deveriam ser capazes de usar sua credibilidade, recursos e fácil acesso aos públicos para destacar a incapacidade do Talibã de oferecer aos afegãos qualquer coisa além da brutalidade. Apesar dessa vantagem, vários observadores questionam quem está vencendo a guerra de ideias.⁵ Diferenças culturais entre a Otan/Isaf e o povo afegão e entre o governo afegão em Cabul e a população em áreas remotas representam uma grande vantagem para os insurgentes.

No entanto, vários obstáculos à competição na guerra de ideias são criados pelas próprias instituições. Estruturas burocráticas e hierárquicas podem ajudar a garantir a uniformidade das mensagens, mas também prejudicam a agilidade. Restrições ao uso de temas religiosos também limitam, até certo

ponto, o uso de poesia, música e outros recursos culturalmente importantes. Outros obstáculos são a falta de uma política uniforme da Otan para o Paquistão e outros países vizinhos, abordagens diferentes quanto a responsabilizar o governo do Afeganistão e dificuldades em harmonizar mensagens com as Nações Unidas.

Apesar de estarem fazendo o melhor possível, as forças estrangeiras e o governo do Afeganistão também acabam, sem querer, fornecendo material para os que planejam a propaganda dos insurgentes. Erros e acidentes que resultam em baixas civis e danificam a infraestrutura são uma consequência inevitável das operações militares. Nem mesmo o uso de armas de precisão é capaz de eliminar esses incidentes. Uma falta relativa de tropas terrestres leva a uma maior dependência de armas aéreas quando essas tropas enfrentam problemas. Explorando a grande desconfiança do afegão quanto às intenções estrangeiras e as lições da história, os insurgentes conseguem transformar nossos erros em vitórias de propaganda e obter apoio para a sua causa. A falta de familiaridade das nossas tropas com a cultura afegã resulta em mais erros e deslizos em relação às expectativas afegãs. O governo afegão tem menos problemas com isso e é capaz de usar suas próprias Forças Armadas de forma mais pessoal e culturalmente sensível. Entretanto, por não contarem com uma significativa Força Aérea própria, os soldados afegãos precisam da Força Aérea estrangeira para tirá-los de apuros, o que resulta, mais uma vez, em um efeito bumerangue para as forças internacionais quando as coisas dão errado. Os maiores problemas para o governo, porém, são a impressão contínua e disseminada da existência de corrupção nos níveis mais altos, a percepção de sua incapacidade de prestar serviços essenciais — incluindo a segurança — e sua falta de legitimidade entre o povo afegão.

Os métodos de informação da propaganda dos insurgentes, como panfletos anônimos, declarações à mídia, sites da Internet, rádio e DVDs, têm geralmente pouca credibilidade entre o povo afegão.⁶ Entretanto, olhar apenas para essas formas “tradicionais” de propaganda é deixar de ver um aspecto significativo do esforço de propaganda dos insurgentes.

O poder que os insurgentes detêm no “espaço de informações” não vem do que eles *dizem* — mas do que *fazem*. Medidas como decapitações, enforcamentos e linchamentos públicos, ataques de homens-bomba, ataques com dispositivos explosivos improvisados e assassinatos demonstram a capacidade dos insurgentes de cumprir promessas. Essa propaganda tem uma credibilidade verdadeira junto aos afegãos comuns e ao público internacional. Justificativas para a insurgência baseadas na religião não funcionam com a maioria dos afegãos; contudo, bastam alguns fanáticos dispostos a explodir-se no meio de uma multidão de afegãos para transmitir uma mensagem muito mais poderosa. Essas medidas dão uma credibilidade real às ameaças dos insurgentes de causar danos. Uma disposição comprovada de concretizar suas ameaças permite que os insurgentes empreguem a



Iain Cochrane

Casas de chá são locais importantes onde se debatem questões do momento, incluindo o papel e desempenho das forças internacionais, maio de 2007.

promessa de castigo com muito mais eficácia do que os incentivos que temos à nossa disposição.

Enquanto demonstram repetidamente seu desejo de “manter as promessas” no

É inútil discutir se é preciso mais esforço para convencer os afegãos que os insurgentes fracassarão ou para convencer a comunidade internacional a fornecer mais apoio. As duas coisas são necessárias e o mais rápido possível.

que se refere à violência, os insurgentes conseguem, ao mesmo tempo, tirar partido da incapacidade do governo afegão de cumprir promessas de segurança, desenvolvimento e governança. O histórico dos insurgentes quanto ao fornecimento de desenvolvimento e governança é péssimo, e eles não possuem uma visão única e comum para o Afeganistão. Entretanto, precisam apenas mostrar que o governo do Afeganistão e o Ocidente estão fracassando. Ao preservar o status quo — um impasse — aumentam sua própria credibilidade e prejudicam a nossa credibilidade e a do governo afegão.

Os insurgentes usam sua habilidade de se misturar à população e explorar ressentimentos populares e vínculos étnicos, religiosos e históricos para retratar o governo como inábil e as forças externas como estrangeiras. Seu objetivo é, com o tempo, oferecer a uma população embrutecida, frustrada e amargurada a sua alternativa como sendo a única solução para a situação atual. Munidos de uma vantagem significativa no espaço das informações, estão dispostos a perder engajamentos táticos e convencionais para atingir seu objetivo estratégico: a futura rejeição do governo do Afeganistão e da ocupação externa.

No centro da estratégia dos insurgentes está a ênfase que colocam na *persuasão* como meta final de todas as suas operações. Nos círculos militares ocidentais, nossa tendência é caracterizar as ações como “cinéticas” ou “não cinéticas”. Essa separação entre as duas é o cerne do nosso problema e do sucesso dos insurgentes. Os insurgentes veem “cinético” e “não cinético” como uma coisa só. De acordo com o jornal *Asia Report*, “Costumamos ver as operações de informações como um complemento às operações cinéticas [de combate]... praticamente todas as operações cinéticas que eles fazem são feitas especificamente concebidas para influenciar atitudes ou percepções”.⁷

Os ataques da Al-Qaeda no 11 de Setembro não foram feitos apenas para matar um grande número de ocidentais; tratava-se de influenciar as atitudes do povo americano e as ações do governo dos Estados Unidos. Embora ser forçada a esconder-se nas montanhas provavelmente não estivesse nos planos da Al-Qaeda, só Osama Bin Laden sabe com certeza se os objetivos finais dessa maciça operação de informações foram atingidos. O Talibã e outros grupos de insurgentes dentro do Afeganistão continuaram planejando suas operações dessa forma. Os insurgentes executam sua estratégia de informações tanto dentro do Afeganistão, onde dependem fortemente de ameaças e intimidação, quanto internacionalmente, onde usam “todas as redes disponíveis — políticas, sociais, econômicas e militares — para convencer os tomadores de decisões políticas do inimigo que seus objetivos estratégicos são inalcançáveis ou caros demais em relação ao benefício previsto”.⁸

Como Usar a Violência dos Insurgentes em Nosso Próprio Benefício

A percepção dos públicos envolvidos é o calcanhar de Aquiles da Otan no que se refere ao Afeganistão — quer sejam afegãos, americanos, franceses ou de qualquer outro país que esteja contribuindo com tropas para a missão da Isaf. Se os afegãos não apoiarem o seu governo e as nossas tropas, não teremos sucesso. Ao mesmo tempo, caso não veja

esperança e propósito algum na missão da Isaf, o Ocidente retirará seu apoio.

A tendência dentro do Afeganistão não nos favorece. Internacionalmente, há sinais de que os insurgentes não só se voltam cada vez mais aos públicos não afegãos, como podem estar tendo cada vez mais sucesso com eles.

...negligenciamos quase que totalmente o comportamento em si como algo que devêssemos tentar modificar.

É inútil discutir se é preciso mais esforço para convencer os afegãos que os insurgentes fracassarão ou para convencer a comunidade internacional a fornecer mais apoio. As duas coisas são necessárias e o mais rápido possível.

Entretanto, as Forças Armadas têm mais controle e mais recursos e podem coordenar melhor suas ações dentro do Afeganistão. Além disso, o apoio do povo afegão à sua forma de governo, em oposição à oferecida (se é que alguma é oferecida) pelo Talibã, é, no fundo, em que consiste o conflito no Afeganistão.

O reconhecimento da importância da percepção pública dentro do Afeganistão aumentou drasticamente dentro dos círculos militares da Otan. Apesar do que as notícias sugerem, foram feitos esforços imensos para reduzir as baixas civis, realizar operações conjuntas entre afegãos e a Isaf, mudar a forma como revistamos as casas de insurgentes suspeitos e treinar soldados para se comportarem de forma que esteja mais alinhada aos costumes afegãos.

Reconhecendo a capacidade dos insurgentes de mobilizar a opinião pública por meio da violência, hoje levamos em conta os possíveis efeitos psicológicos das nossas ações militares no nosso planejamento. Os responsáveis pelo planejamento na coalizão entendem que se concentrar na rede e tentar matar ou capturar todos os terroristas ou insurgentes é um trabalho interminável. Não trata da raiz do problema, que é o movimento.

Em vez de usar ações ou operações psicológicas de influência para *complementar* o esforço principal — matar e capturar insurgentes — a ação de “influenciar” precisa ser o principal esforço no Afeganistão. Esse poder de influência precisa ter o apoio, por sua vez, das Forças Armadas, conforme necessário. Isso não implica que não devamos empregar a força militar, mas que, ao decidirmos se, quando ou como usá-la, o principal fator a ser considerado é o seu impacto nos afegãos e no seu apoio ao seu governo.

Desde 2005, o uso de homens-bomba — antes praticamente inexistente no Afeganistão — aumentou astronomicamente.⁹ O uso de dispositivos explosivos improvisados e a organização de eventos nos quais os insurgentes matam funcionários públicos e civis afegãos também aumentaram drasticamente — assim como a cobertura da mídia. Embora tenham sido feitos vários estudos sobre as tendências no uso de formas “tradicionais” de propaganda pelos insurgentes, muitas vezes ignoramos, negligenciamos ou interpretamos incorretamente o papel da violência em influenciar atitudes e comportamentos. Já foram tomadas medidas para lidar com o uso da violência pelos insurgentes, mas elas abordam apenas superficialmente a dinâmica envolvida em moldar as percepções do povo afegão. Precisamos tirar proveito do uso da violência pelos insurgentes em nosso próprio benefício.

A pior medida que podemos tomar é tentar camuflar os nossos próprios erros quanto às baixas civis...

Os esforços existentes para reagir à propaganda dos insurgentes se concentram fortemente no uso de meios de comunicação de massa para modificar *atitudes*, porque estamos familiarizados com eles com base em nossa própria cultura e porque sua utilização para modificar atitudes funcionou relativamente



Iain Cochrane

Patriarcas discutem tópicos não revelados em frente de suas lojas fechadas, março de 2008.

bem nos esforços recentes da Otan na Bósnia e no Kosovo. No Afeganistão, geralmente colocamos os meios de comunicação de massa e outras ferramentas para influenciar atitudes em uma função paralela ou complementar às operações. Tentamos aumentar o apoio do público aos esforços do governo, enquanto as operações para retirar os insurgentes dos seus esconderijos continuam sendo feitas com o mesmo rigor. Existem cartazes, jornais, anúncios na TV e uma rede cada vez maior de estações de rádio. Usamos essas ferramentas para modificar as atitudes do público afegão (com a esperança de que trarão mudanças de comportamento também), ao passo que ignoramos o comportamento dos próprios insurgentes. Supomos que estejam tão imersos na sua ideologia que não seja possível modificá-los. O mais importante é que negligenciamos quase que totalmente o comportamento em si como algo que devêssemos tentar modificar. Existem alguns esforços para persuadir os insurgentes a comportar-se de forma diferente, “mostrando-lhes as consequências do seu comportamento” — ou seja, perseguindo-os incansavelmente por meios militares. Quando os insurgentes continuam a comportar-se de forma violenta, a resposta é geralmente explorar seu comportamento e a sua violência para ilustrar que não passam de “pessoas más” que não merecem o apoio popular. Destacamos as atrocidades dos insurgentes — ataques com dispositivos explosivos improvisados, ataques suicidas, bombardeios, assassinatos e a matança de inocentes ou “espiões” — para tentar criar discórdia entre os afegãos comuns

e os insurgentes. Ironicamente, as pessoas a quem pedimos que retirem seu apoio não têm força para se colocar contra os insurgentes, caso valorizem suas próprias vidas ou as de suas famílias.

O primeiro problema com essa tática é que o povo afegão já está, na sua imensa maioria, contra os insurgentes e os que constroem dispositivos explosivos improvisados.¹⁰ Os afegãos sabem muito bem quem está matando e quem está morrendo. Querem que essa situação termine e se sentem impotentes para fazer isso eles mesmos. Entretanto, a falta de apoio aos insurgentes não significa um aumento do seu apoio à Isaf ou ao governo afegão. Na verdade, as pesquisas geralmente apontam o contrário: o aumento da violência imprevisível e aleatória vem frequentemente acompanhado de um aumento da raiva contra o governo e a Isaf por não terem evitado tais incidentes. Alguns afegãos não só culpam a Isaf por essas mortes como suspeitam que seja cúmplice nelas porque são incapazes de entender como um grupo tão grande de nações ricas e poderosas não consegue livrá-los do que, durante anos, afirmamos ser apenas alguns milhares de insurgentes. A esperança de que possamos continuar operando como temos feito até agora e de que, um dia, os afegãos simplesmente concluam que já tiveram violência demais dos insurgentes e se rebelem contra eles é vã. Um cenário muito mais assustador — e não totalmente improvável — é que percam a paciência, confrontem seu próprio governo e peçam o fim da presença das tropas estrangeiras.

Dedicamos muita energia para educar as nossas tropas sobre as melhores formas de evitar que se tornem vítimas de bombas e ataques,

Ironicamente, as pessoas a quem pedimos que retirem seu apoio não têm força para se colocar contra os insurgentes, caso valorizem suas próprias vidas ou as de suas famílias.

sabendo que continuarão e provavelmente aumentarão no futuro próximo. Esses esforços devem continuar, junto com os esforços para encontrar soluções técnicas que possam oferecer um alívio temporário até que os insurgentes adaptem suas táticas em resposta a isso. Entretanto, não devemos descartar a possibilidade de usar operações psicológicas de influência para desacelerar ou mesmo reverter a tendência atual de violência dos insurgentes. Para isso, contudo, *é necessário parar de divulgar esses eventos com o objetivo de obter apoio popular para a Isaf ou o governo afegão*, porque isso na verdade fortalece os objetivos dos insurgentes e incentiva a repetição da violência. Se entendermos qual é o objetivo dos insurgentes ao executarem atos violentos, talvez seja possível convencê-los de que não o estão atingindo e persuadi-los a mudar de tática.

O objetivo da violência dos insurgentes é criar terror, medo e incerteza entre o povo. A violência constante e imprevisível faz com que os afegãos questionem se seu governo ou as forças estrangeiras estão fazendo *qualquer coisa* para evitá-la. Quando essa violência tem como alvo o governo ou forças estrangeiras, como é geralmente o caso, e quando afegãos inocentes são feridos ou mortos, os afegãos se protegem de incidentes futuros evitando o governo ou forças estrangeiras. Se isso acontece uma ou duas vezes, os afegãos podem culpar os insurgentes. Se continuar ou aumentar, os afegãos serão mais propensos a

culpar as autoridades por não terem tomado medidas eficazes para evitar esses incidentes.

Com o passar do tempo, torna-se cada vez mais improvável que os afegãos tomem alguma medida, em conformidade com o bem documentado fenômeno psicológico chamado de “impotência aprendida” — quando as pessoas passam a acreditar que não têm controle sobre uma situação, tornam-se passivas, mesmo que tenham, na verdade, poder para mudá-la. Assim, divulgar a violência dos insurgentes fortalece seu objetivo ao aumentar o número de elementos do ambiente em favor da sua causa.

A *pior* medida que podemos tomar é tentar camuflar os nossos próprios erros quanto às baixas civis e aos danos à infraestrutura do Afeganistão — por mais lamentáveis e não intencionais que sejam. Ocasionalmente, a mídia divulga declarações de oficiais da Isaf afirmando que os insurgentes causam mais mortes de civis intencionalmente do que as causadas pela Isaf não intencionalmente. Isso não só confunde dois problemas separados que exigem soluções separadas, como coloca a Isaf como o lado moralmente corrupto nessa situação. Comparar as mortes acidentais causadas pela Isaf ao tentar fornecer segurança com as mortes intencionais que os insurgentes causam quando tentam destruir seu governo só mistura ainda mais as ações da Isaf com a violência dos insurgentes nas mentes dos afegãos comuns — cuja indignação diante das baixas civis causadas pela Isaf é resultado das expectativas mais altas

O significado e o efeito da propaganda de todos os tipos devem ser entendidos localmente, não só em Cabul.

quanto a ela. Os afegãos expressam menos indignação moral quanto às mortes causadas pelos insurgentes porque lhes atribuem um padrão moral diferente. Esperam que a Isaf pare de matar e impeça os insurgentes de matar.

Para piorar a situação, o comportamento das nossas próprias tropas muitas vezes fornece

sem querer uma vantagem inesperada para os insurgentes que praticam a violência e incentiva ainda mais que ela se repita. Depois de um ataque, as tropas da Isaf são geralmente “confinadas” durante um período especificado para garantir que o ataque não faça parte de uma série. As tropas da Isaf que recebem autorização para ir até a área afetada o fazem em estado de alerta total, com mais proteção e vigilância. São muito raros os esforços para interagir diretamente com os afegãos afetados, talvez porque a Isaf prefira “deixar que as autoridades afegãs cuidem da situação”. Embora sejam compreensíveis de um ponto de vista de “proteção de forças”, essas ações podem, na verdade, causar mais mal que bem. Perpetuam a ideia de que os soldados da Isaf estão mais preocupados com a sua própria segurança do que com a dos afegãos comuns e aumentam o abismo entre os afegãos e as tropas estrangeiras que circulam em viaturas blindadas, escondidas atrás de chapas à prova de balas, vidros fumê e óculos escuros. Não transmitem compaixão alguma pelo sofrimento humano, não usam nem exploram a raiva comum contra os assassinos e transmitem medo em vez de poder ou autoridade. Embora os insurgentes tenham, ocasionalmente, planejado ataques complexos que incluem vários dispositivos explosivos, a grande maioria desses ataques envolve uma única explosão. Por isso, questiona-se se o que se ganha com essas restrições após um ataque justifica as oportunidades perdidas e a mensagem não intencional transmitida.

Inverter os efeitos dos ataques violentos convencerá os insurgentes a mudar de tática. Isso significa que o terror, o medo e a incerteza precisam ser transformados em indignação pública e solidariedade mútua. Os afegãos precisam ser encorajados a redirecionar a sua raiva para os insurgentes

de uma forma pública em vez de responsabilizar as forças estrangeiras e o governo afegão pelos incidentes de segurança. Alimentar as chamas da frustração existente por meio de comunicados de imprensa nos meios de comunicação de massa contribuirá muito pouco para esses objetivos; a intervenção precisa ser feita no nível pessoal. Em vez de se esconderem depois de um ataque, os líderes e tropas da Isaf precisam, em um gesto de compaixão e solidariedade, aumentar sua visibilidade nas áreas afetadas. Algumas medidas úteis seriam trabalhar com as autoridades afegãs locais e talvez com membros locais da Polícia Nacional Afegã e visitar os chefes das famílias afetadas e os patriarcas das tribos, sempre que apropriado, para dar os pêsames, expressar solidariedade e oferecer presentes. Essas visitas, se realizadas de forma adequada, podem encorajar as comunidades afetadas a manifestar-se publicamente contra a violência e a expressar solidariedade com o governo e com os soldados que trabalham para evitar esses ataques.

Algumas pessoas podem questionar a viabilidade de organizar manifestações públicas contra os insurgentes, mas isso já aconteceu algumas vezes recentemente. Em



John Cochrane

Os jornais da Isaf são um meio de informar a minoria alfabetizada. Os outros aproximadamente 75% devem ser alcançados de outro modo. (Cabul, abril de 2007)

meados de outubro de 2008, as autoridades locais em Helmand e em Províncias adjacentes administraram cuidadosamente as respostas a uma série de ataques de insurgentes. Os afegãos que estavam presentes expressaram a raiva que sentiam contra os insurgentes em vez de contra as autoridades e os protestos se espalharam para as Províncias mais distantes de Laghman, Nangarhar, Paktia, Herat e Bamiyan. Em Herat, uma assembleia liderada pelo governador da Província ouviu declarações de vários participantes, funcionários públicos e clérigos, que condenaram o Talibã como sendo “não islâmico”. Esses protestos não aconteceram espontaneamente; foram cuidadosamente alimentados por autoridades do governo. Os protestos permitiram que os afegãos do local expressassem sua raiva contra os verdadeiros responsáveis e reforçaram a ideia de que o governo está preocupado com o bem-estar das pessoas afetadas. O Conselho Ulema, em Cabul, emitiu também declarações sobre o caráter não islâmico dos ataques. Para continuar a explorar esses eventos, representantes estrangeiros e do governo local expressaram seus pêsames três e quarenta dias depois do evento, de acordo com os costumes locais.

Esses são os tipos de evento que devem receber publicidade na mídia, para mostrar que os afegãos afetados pela violência dos insurgentes não estão sozinhos na sua dor ou raiva. Devemos estudar as lições aprendidas com esses incidentes e aplicá-las em outros lugares. Além disso, conforme mencionado anteriormente, devemos aumentar o nível de segurança e presença para não deixar esses afegãos, que começam a sentir que têm mais poder, expostos à retaliação dos insurgentes.

Além de fazer com que os insurgentes questionem a utilidade da violência para atingir seus objetivos, esses tipos de evento coordenado trazem outros benefícios não tão explícitos. Existem, com frequência, pessoas na comunidade que conhecem outras pessoas que apoiam de forma ativa ou passiva os insurgentes, mas não estão dispostas a informar as autoridades. Gostaríamos que essas pessoas informassem a Isaf ou as forças de segurança do governo a respeito, mas, no final das contas, pode ser igualmente bom

que informem os patriarcas ou simplesmente expressem sua discordância de forma privada. Isso proporciona aos líderes locais, munidos agora desse conhecimento, oportunidades de mostrar que estão fazendo algo para resolver o problema e reforça a imagem dos insurgentes como sendo minoria, como de fato o são.

Para aproveitar totalmente essas oportunidades, precisamos repensar que resultados gostaríamos que os nossos esforços de Inteligência tivessem. Precisamos substituir os relatórios e análises feitos em sistemas computacionais confidenciais, que alimentam os esforços de eliminar ou capturar insurgentes, com o trabalho de Inteligência local sobre a identidade, localização e redes de apoio dos insurgentes. É necessário conhecer a dinâmica das aldeias e tribos, economia local e estruturas de poder e necessidades dos afegãos afetados — o “mapeamento do terreno humano”, tão em moda atualmente — se quisermos influenciar o pensamento e as ações dos afegãos. O significado e o efeito da propaganda de todos os tipos devem ser entendidos localmente, não só em Cabul. Em vez de usar meios técnicos caros ou contratados baseados no Ocidente, devemos obter esse tipo de Inteligência por meio do contato humano, com o apoio do conhecimento cultural, religioso e antropológico que, muitas vezes, está amplamente disponível localmente.

Por último, apesar de a mídia continuar tendo alguma utilidade, os recursos financeiros e humanos desproporcionalmente grandes que são consumidos pela exploração que a Isaf faz dos meios de comunicação de massa precisam ser colocados à disposição no nível das bases. Se quisermos conquistar o coração e as mentes dos afegãos, devemos fazê-lo uma aldeia e um vale de cada vez. Eles não serão conquistados pelo tipo de propaganda de televisão que vende Coca-Cola. Não serão conquistados publicando-se um milhão de jornais da Isaf por ano quando quase três quartos dos afegãos são analfabetos. Não serão conquistados com uma rede de rádio nacional que transmita conteúdo idêntico, mesmo que complementado por conteúdo gravado e produzido localmente. Como acontece nos nossos próprios países, os afegãos confiam na mídia local, preferindo-a implicitamente à mídia de Cabul. E, o que é

mais importante, confiam muito mais no que os patriarcas da sua aldeia e tribo lhes dizem do que em Cabul ou Bruxelas.

Em vez de usar cada ato de violência dos insurgentes para apontar o óbvio — que os insurgentes são pessoas más —, o que dá mais exposição na mídia a ações destinadas justamente a alimentar o medo e ganhar publicidade, devíamos usar a mídia para outras questões. Os afegãos que leem jornais e assistem à televisão regularmente tendem a ser os tomadores de decisão e membros da minoria de elite. Devemos usar a mídia para influenciar políticas do governo, expor a corrupção, incentivar os investimentos, promover a educação e informar esse público sobre os eventos que os afetam. Podemos usar a mídia para influenciar opiniões e facilitar o diálogo entre os estudantes e a elite em busca de soluções mais a longo prazo para os atos de terrorismo que já são assunto de discussão pública em âmbito nacional e regional.

Podemos explorar as atrocidades dos insurgentes em nosso benefício e em benefício

dos afegãos que desejam um futuro de paz. Apenas precisamos fazer isso de uma forma diferente. Devemos enfatizar menos o investimento de tropas e dinheiro para solucionar o problema e considerar mudanças de estratégia.

Em vez de supor que o comportamento dos insurgentes não pode ser modificado — ou, pior, em vez de divulgar de graça seu comportamento e, assim, encorajar sua repetição — devemos tentar convencer os insurgentes a mudar de tática e mobilizar a opinião pública contra eles caso não façam isso. Os insurgentes são oponentes racionais e adaptáveis do povo afegão que vêm aperfeiçoando e refinando suas técnicas há sete anos ou mais. O Afeganistão está em chamas e a grande maioria dos afegãos sabe quem começou esse incêndio. Em vez de discutir sobre quem deve usar as mangueiras para apagar o fogo ou de alimentar as chamas sem querer, devemos fornecer energia e poder aos afegãos comuns para ajudá-los a extinguir o incêndio no Afeganistão antes que consuma todos nós. **MR**

REFERÊNCIAS

1. Essa citação do secretário Gates apareceu, entre outros textos, no artigo de Peter Spiegel intitulado “Defense Secretary Gates Wants to Spend More on U.S. Diplomacy”, *Los Angeles Times*, 16 de julho de 2008.
2. Consulte as estatísticas em < <http://www.icasualties.org/oef> > e em GORDON, Michael R. “Afghan Strategy Poses Stiff Challenge for Obama”, *New York Times*, 1º de dezembro de 2008, seção sobre a Ásia.
3. O Departamento Policial de Nova York lista uma força ativa de pouco mais de 37.000 policiais (disponível em: < www.nyc.gov/html/nypd/html/faq/faq_police.shtml#1 >), e várias fontes citam a Polícia Nacional Afegã como tendo 79.000 membros, com uma meta de chegar a 82.000 membros (consulte, por exemplo: < www.defenselink.mil/news/newsarticle.aspx?id=49967 >).
4. Citado por Sir Robert Thompson em *Defeating Communist Insurgency: The Lessons of Malaya and Vietnam* (London: Chatto and Widus, 1966).
5. Um trabalho anterior sobre esse tema inclui FOXLEY, Tim. “The Taliban’s Propaganda Activities: How Well is the Afghan Insurgency Communicating and What is It Saying?”, Stockholm International Peace Research Institute, trabalho apresentado em junho de 2007; JOHNSON, Thomas H. “The Taliban Insurgency and an Analysis of *Shabnamah* (Night Letters)”, *Small Wars and Insurgencies* 18, Nº 3 (setembro de 2007), pp. 317-44; NISSEN, Thomas Elkjer. “The Taliban’s information warfare: A Comparative Analysis of NATO Information Operations and Taliban Information Activities”, Royal Danish Defence College, dezembro de 2007; e

- Asia Report Nº 158, “Taliban Propaganda: Winning the War of Words?”, International Crisis Group, 24 de julho de 2008.
6. Podemos usar argumentos semelhantes sobre as mensagens fornecidas pelo governo do Afeganistão e pela comunidade internacional. Entretanto, tanto as mensagens da Isaf quanto as do governo afegão transmitem muito mais credibilidade do ponto de vista puramente das informações. A impressão de que existe corrupção e a falha em cumprir promessas como melhoria de segurança, por exemplo, continuarão a prejudicar essa credibilidade.
7. Asia Report Nº 158; Ibid.
8. HAMMES, Thomas X. *The Sling and the Stone: On War in the 21st Century* (Osceola, WI: Zenith Press, 2006), p. 2.
9. A Missão de Assistência das Nações Unidas no Afeganistão realizou um estudo sobre as tendências nos ataques de homens-bomba de 2001 a 2007 (“Suicide Attacks in Afghanistan, 2001-2007”), que pode ser encontrado em < <http://fetcher.fw-notify.net/000000234952526336/UNAMA%20-%20SUICIDE%20ATTACKS%20STUDY%20-%20SEPT%2009th%202007.pdf> > (5 dezembro de 2008). Em 2008, uma série de ataques de grande escala continuou a aumentar os números de baixas.
10. Várias pesquisas e estudos sustentam essa afirmação. Entre eles estão: “Nationwide Research and Survey on Illegal State Opposing Armed Groups—ISOAGs”, da Altai Consulting (abril de 2006); “2007 Survey of Afghans” da Environic Research Group; resultados da Charney Research Poll divulgados em novembro de 2007; e várias pesquisas da Manasia Research Associates.

Agradecimentos especiais a Joanna Nathan e Marc Segers por suas ideias e comentários.